

elucidado como de cunho extremamente pessoal.

Luria (1992), em um estudo sobre os fundamentos cerebrais da atividade psicológica, adota a proposição segundo a qual uma mudança no objetivo de uma determinada tarefa leva a uma mudança na estrutura dos processos psicológicos que levam a termo, ou seja, mudam os sistemas funcionais do cérebro que dão apoio à atividade.

Por um lado, essa tese nos dá subsídios para compreensão de mecanismos subjacentes à formação e transformação da estrutura psicológica e, nesse contexto, nos ajuda a elucidar a natureza dos processos pelos quais os sujeitos dos casos descritos estão submetidos em confronto com um determinado contexto; por outro, ainda nos deixa dúvidas sobre como ocorre o curso interno da compensação de um defeito.

Vejam os casos do cirurgião portador da Síndrome de Tourette; os sintomas já foram descritos na apresentação geral dos estudos. Mesmo diante de toda a “adversidade”, o cirurgião foi capaz de conduzir sua história de forma produtiva, encontrando meios extremamente singulares para superar e compensar seus “defeitos” em diversas esferas, desde sua vida profissional até sua vida pessoal. A questão é de que forma, na sua singularidade, o indivíduo é capaz de encontrar estes caminhos. Neste sentido, Vygotsky e Luria (1996) referem-se à construção de uma “superestrutura psicológica” que, através do uso cultural da função defeituosa, objetiva compensar ou substituir tais funções. Nesse panorama, poderíamos dizer que o defeito passa a ter função central e organizadora?

Em linha gerais, Um

antropólogo em Marte é um material extremamente rico, que traz, sobretudo, a dimensão humana pela qual o médico trata seus casos, apontando ainda, conforme descrito anteriormente, que não existe apenas um caminho ou uma forma de se tornar humano, levando-nos à reflexão sobre o papel das esferas singulares (individuais) e sociais nesse processo.

Referências bibliográficas

- BRAGA, L.W. (1995). *Cognição e paralisia cerebral: Piaget e Vygotsky em questão*. Salvador: Sarah Letras.
- LURIA, A.R. (1992). *A construção da mente*. São Paulo: Ícone
- VYGOTSKY, L.S. (1994). *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes.
- _____, (1993). *Problems of abnormal psychology and learning disabilities: the fundamentals of defectology*. New York: Plenum.
- VYGOTSKY, L.S., LURIA, A.R. (1996). *Estudos sobre a história do comportamento: o macaco, o primitivo e a criança*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Luciana de S.P. Alvarenga Rossi
Rede Sarah de Hospitais de
Medicina do Aparelho Locomotor,
São Luís - MA

Carlo Ginzburg. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. 312 p.

Domenico Scandela, conhecido como Mennochio, nasceu em 1532 em Montereale, em uma pequena aldeia localizada nas colinas de Friuli. Dentro da comunidade em

que vivia, esse moleiro ocupava uma posição de destaque. Distintamente da imensa maioria camponesa paupérrima e analfabeta do século XVI, Mennochio era capaz de ler, escrever e somar, fatores que lhe permitiram tornar-se magistrado da aldeia e, depois, administrador da paróquia. Mesmo desfrutando de certa popularidade — nada consta que pudesse ter algum inimigo entre os habitantes da aldeia —, Mennochio foi denunciado em 1583 ao Santo Ofício “sob a acusação de ter pronunciado palavras heréticas e totalmente ímpias sobre Cristo”. De fato, as idéias defendidas por Mennochio na frente de seus conterrâneos, em pleno período da Contra-Reforma, soavam como música aos ouvidos dos inquisidores, ávidos por praticar suas diversas modalidades de tortura. Mennochio contestava a dominação e a riqueza da Igreja, que, em cumplicidade com a classe dominante, convivia ao lado de um povo miserável e explorado. Classificava o batismo como simples mercadoria, uma invenção dos homens que era utilizada por parte do clero como instrumento de opressão. Acreditava que amar ao próximo era mais importante do que amar a Deus e, por fim, recusava-se a aceitar que Cristo tivesse morrido para redimir a humanidade, uma vez que era apenas um homem como os demais. Se defender tais idéias em sua aldeia, em pleno auge da Inquisição, já constitui um fato notável, mais impressionante é a fidelidade, quase absoluta, que manteve às suas idéias diante do Santo Ofício. Não que ignorasse os perigos de ser julgado culpado pelo tribunal eclesiástico. Diversas vezes, durante o processo, tentou amenizar as críticas feitas, chegando a escrever cartas pedindo clemência. Em nenhum momento, contudo, negou o que disse. Mais do que isso,

sustentou durante seus embates com os inquisidores que as idéias que defendia saíram exclusivamente de sua cabeça, negando qualquer influência de terceiros.

Considerado culpado pelo Santo Ofício, Mennochio foi condenado a cumprir várias penitências e à prisão perpétua. Dois anos de cárcere, somados às torturas durante o processo, minaram, aparentemente, a resistência do moleiro. Nesse período, marcado pela deterioração de sua saúde, dava sinais claros de conversão, respeitando todos os ritos e sacramentos da Igreja. Dessa forma, sua pena foi comutada, voltando ele a assumir suas antigas funções na aldeia. No entanto, sua convicção em relação a suas próprias idéias revelou-se mais forte do que o medo imposto pelo tribunal inquisidor. Algum tempo depois de sua libertação, novas denúncias chegaram ao inquisidor de Friuli, evidenciando que Mennochio continuava fiel às heresias e blasfêmias que o tinham condenado no primeiro processo. Fato ainda mais grave, suas idéias não estavam mais confinadas em sua própria aldeia, espalhando-se pelas regiões próximas. Preso, ainda tentou, num último esforço, negar tudo o que falara. Porém, caindo diversas vezes em contradições, acabava por reforçar as próprias acusações de que era vítima. Com o destino já traçado pelo tribunal eclesiástico, Mennochio foi condenado à morte, sentença executada no final de 1599.

A trajetória de Mennochio é antes de tudo singular: ele era um camponês, ocupando a posição de moleiro, que podia ler e escrever em pleno século XVI. A característica mais original de seu comportamento, contudo, não está na sua capacidade de ler e, sim, na forma como o processo de leitura se materializava

em Mennochio, “a rede que Mennochio de maneira inconsciente interpunha entre ele e a página impressa — um filtro que fazia enfatizar certas passagens enquanto ocultava outras, que exagerava o significado de uma palavra, isolando-a do contexto, que agia sobre a memória de Mennochio deformando sua leitura. Essa rede, essa chave de leitura, remete continuamente a uma cultura diversa da registrada na página impressa: uma cultura oral”.

Mesmo com o aprendizado da leitura, Mennochio não conseguiu desenvolver um modo de pensar e raciocinar “letrado” (provavelmente essa característica se acentuou em Mennochio por ele ser autodidata e pelas escassas possibilidades de debater com outras pessoas letradas). Seu pensamento e raciocínio continuavam profundamente marcados pelo ambiente em que estava inserido, onde predominava, quase que exclusivamente, a comunicação oral. Nesse sentido, a forma de ler e de pensar de Mennochio eram determinadas significativamente pelo mundo concreto a sua volta. As atividades de moleiro, carpinteiro, marceneiro e pedreiro exercidas por Mennochio só podem ser executadas caso exista matéria para ser transformada. Se essa característica condiciona o comportamento dos homens, certamente determina também o “poder” de Deus: “Eu acredito que não se possa fazer nada sem matéria e Deus também não poderia ter feito coisa alguma sem matéria”.

Essa forma de construir o raciocínio, em certos aspectos, é bastante semelhante ao comportamento do “homem primitivo” descrito por Vygotsky. Um dos exemplos utilizados por Vygotsky é a recusa do “homem

primitivo”, durante o processo de aprendizado de uma língua européia, em repetir que “o homem branco matou seis ursos”, por entender que se tratava de uma tarefa impossível de se realizar. Segundo Vygotsky, isso demonstra que a linguagem e a forma de pensar do “homem primitivo” só podem ser entendidos e utilizados como um reflexo direto da realidade.

No entanto, Mennochio se distingue do “homem primitivo” por sua capacidade de abstração e, portanto, pela possibilidade de multiplicar as cadeias relacionais. Mesmo assim, essa multiplicação, em seu caso, está limitada à concretude de sua forma de pensar. Toda a cosmogonia de Mennochio foi elaborada de forma independente das leituras

“A leitura de Mennochio era evidentemente parcial e arbitraria — quase uma mera procura de confirmação das convicções já estabelecidas de maneira sólida.”

Essa formação sólida e, ao mesmo tempo, imutável de Mennochio não se deu, fundamentalmente, na escola elementar ou durante as horas em que se dedicou à leitura de livros que, ocasionalmente, caíram em suas mãos. Antes de tudo, sua “verdade” foi construída socialmente, nos moinhos que, longe das habitações e igrejas, constituíam-se como palco ideal para o florescimento e disseminação de idéias, tais como o materialismo elementar camponês e sua resistência aos dogmas e preceitos da Igreja, transmitidos de geração à geração.

Dessa forma, parece pouco provável que as idéias defendidas por Mennochio fossem produto exclusivamente de sua própria cabeça, como ele inúmeras vezes afirmou. Assim, é possível encontrar no texto de Ginzburg diversos

argumentos que contrastam com as idéias presentes no modelo autônomo de Goody (Goodyewatt, 1968) (neutralidade da escrita, deslocamento da própria realidade favorecendo a auto-reflexão etc.) e que, ao mesmo tempo, reforçam as teses de Street (1984) — escrita como produto social.

É inegável que a leitura possibilitou que Mennochio travasse um contato com um repertório maior de informações, contribuindo decisivamente para a originalidade de seus argumentos. No entanto, esse mecanismo de mediação jamais foi utilizado de maneira neutra. Além disso, nunca constituiu um instrumento que permitisse a ele se deslocar da própria realidade, favorecendo a auto-reflexão e a análise crítica de suas próprias idéias. Para Mennochio, sua capacidade de leitura possibilitava unicamente a reelaboração das idéias num contexto previamente definido. O que suprimia e o que ressaltava em suas leituras tinha um objetivo, consciente ou inconsciente, de corroborar o que já era sabido. Nesse sentido, saber ler era essencial para Mennochio, aquilo que lia era secundário. Caso Mennochio tivesse entrado em contato com livros diferentes daqueles encontrados em sua casa, podemos supor que os exemplos usados para explicar sua cosmogonia seriam distintos daqueles apresentados durante seu processo eclesiástico, uma vez que sua criatividade não conhecia limites. Ainda assim, dificilmente suas conclusões poderiam ser diferentes das que defendeu junto ao Santo Ofício e que determinaram sua morte.

Referências bibliográficas

GOODY, J., WATT, I. (1968). The consequences of literacy. In:

GOODY, J. (org). *Literacy in traditional societies*. New York: Cambridge University Press.
STREET, B. V. (1984). *Literacy in theory and practice*. Cambridge: Cambridge University Press.

Jacques Demajorovic
Universidade de São Paulo
(doutorando)

Peeter Tulviste. *The cultural historical development of verbal thinking*. New York: Nova Science Publishers, 1991. 208 p.

Quase sempre, pensadores originais como Vygotsky, que inauguram escolas de pensamento e desbravam novos territórios interpretativos, deixam em sua obra uma infinidade de pistas apenas esboçadas, idéias insuficientemente desenvolvidas. Cabe às gerações posteriores de estudiosos, contando com o território já desbravado, refazer os caminhos de modo a delimitá-los mais precisamente e, eventualmente, tentar corrigir seus desvios. Obras inaugurais como a de Vygotsky costumam também ter um grande vigor polissêmico, de modo que estudos posteriores nelas inspirados podem fazer da mesma raiz derivações significativamente diversas. Quem se interessa por essas sagas das grandes famílias de pensamento, ou particularmente pela matriz teórica fundada por Vygotsky, tem com o que se entreter lendo *The cultural-historical development of verbal thinking*, de Peeter Tulviste.

Tulviste realiza nesse livro uma minuciosa incursão no campo da pesquisa intercultural, revisando ampla bibliografia sobre o tema e discutindo os resultados de experimentos realizados por ele

mesmo na área. O que o leva a interessar-se por esse gênero de pesquisas é justamente o postulado básico da abordagem vygotskiana: o de que os processos mentais superiores, ou propriamente humanos, só podem ser compreendidos mediante a consideração de sua natureza social, cultural e histórica. A comparação entre diferentes culturas oferece oportunidade única de se isolar fatores culturais que poderiam estar casualmente relacionados com determinados aspectos do pensamento. A oposição sob a qual trabalha é a que diversos autores estabelecem entre culturas tradicionais e modernas, caracterizadas as últimas pela presença de atividades econômicas modernas, produção científica, escolarização, alfabetização e orientação dominante no sentido da mudança em detrimento ao apego à tradição. As perguntas a que Tulviste pretende responder são: há diferenças substanciais nas formas de pensamento de indivíduos que vivem em culturas tradicionais e modernas? Que fatores determinam essas diferenças?

Mais de cinquenta anos antes, Vygotsky fizera sua própria incursão pelos estudos interculturais na obra escrita em parceria com Luria, *Estudos sobre a história do comportamento — o macaco, o primitivo e a criança*, de 1930 (Vygotsky e Luria, 1996). Tulviste retoma o mesmo ponto de partida de seus antecessores nessa obra, a comparação dos pontos de vista de Spencer e Levy-Bruhl sobre o pensamento primitivo. Aponta o fato de Spencer ter enfatizado a existência de mecanismos básicos comuns à espécie, determinados biologicamente, enquanto Levy-Bruhl teria sido o primeiro a tentar mostrar que os mecanismos